

EDITORIAL

Este número da revista *Educação, Sociedade & Culturas* destaca-se, em particular, pelo interesse e actualidade que manifesta a sua secção «Diálogos sobre o Vivido». De facto, a política educativa recente que mais atenção tem recebido, quer dos meios de comunicação, quer dos próprios agentes do campo de educação escolar, tem sido a denominada «gestão flexível do currículo». Assim, a organização da secção «Diálogos sobre o Vivido» à volta deste tema, dizemos nós, não podia ser mais oportuna.

Responsáveis por essa organização foram Ricardo Vieira e Graça Sampaio, docentes da Escola Superior da Educação de Leiria e da Escola Básica 2,3 D. Dinis, também da Leiria, respectivamente. Como o leitor verificará, os dados etnográficos que constituem a base da secção foram recolhidos num encontro recente realizado na ESE de Leiria. Intervieram no debate não só o actual Director Geral do Ensino Básico, Prof. Doutor Paulo Abrantes, como também a conhecida analista do currículo escolar, a Prof^a. Doutora Luísa Alonso da Universidade do Minho. Para enriquecer a conversa e relacioná-la com o sector de formação de professores, também participaram outros docentes da ESE de Leiria, professores de Escolas Básicas 2,3 e encarregados de educação.

O resultado é uma análise bastante exaustiva dessa política educativa que se chama a gestão flexível do currículo, análise essa que se desenvolveu a partir de diferentes perspectivas sobre a escola. Pensamos que muito do que está em causa com esta política se relaciona com uma mudança profunda no papel do professor (que, por sua vez, se relaciona, evidentemente, com os novos tempos em que vivemos), isto é, já não faz sentido um currículo escolar desen-

volvido a partir da noção do professor como transmissor, professor esse que se preocupa sobretudo com a organização e tradução de conhecimentos que terá de transmitir na sala de aula através de metodologias de ensino mais ou menos activas. Em vez disso, o currículo hoje em dia tem que se relacionar com um professor que produz activamente conhecimentos, de diferente tipos, e que se encontra numa situação de promotor da articulação desses conhecimentos com outros produzidos por outros especialistas. Segundo esta óptica, a sala de aula é, por todos os efeitos, «reconstruída», alargada e, eventualmente, descentrada.

O artigo de João Formosinho que abre este número da revista proporciona uma reflexão sobre algumas das implicações das novas dimensões da profissão docente. Estas novas dimensões são equacionadas através do tema genérico «a especialização docente e a administração das escolas», tema esse que foi desenvolvido na «lição» das provas de agregação deste professor universitário. Há mais dois artigos neste número que se relacionam com o tema de profissão docente. O artigo de Amélia Lopes e Agostinho Ribeiro apresenta conclusões e perspectivas docorrentes de um estudo relativo à construção de identidades profissionais nos dias de hoje em docentes do 1º Ciclo do Ensino Básico e o artigo de Jorge Ávila de Lima oferece-nos uma revisão crítica da literatura da investigação no domínio das culturas ocupacionais dos professores.

Também incluídos na secção «Artigos» são o artigo de Guida de Abreu sobre o «papel mediador de cultura na aprendizagem da matemática na perspectiva de Vygotsky» e o artigo de Natércia Pacheco que aborda, a partir de uma análise baseada na psicologia social, o que significa ser estudante de país africano numa universidade em Portugal e quais as estratégias que esses estudantes adoptam para lidar com o estatuto de «prisioneiro de passagem».

A secção «Arquivo» deste número é constituída pela tradução da fascinante resposta do filósofo Richard Rorty ao antropólogo Clifford Geertz sobre a questão de etnocentrismo. O texto, segundo Rorty, foi escrito como um comentário sobre a comunicação de Geertz, «Os Usos de Diversidade», proferida na «Tanner Lecture», Universidade de Michigan, 1985 (e posteriormente publicada na revista *Michigan Quarterly Review*, 25, 525-34, 1986). O anti-anti-etnocentrismo de Rorty gladia-se com o anti-anti-relativismo de Geertz, sendo os vencedores todos nós através do estímulo que constitui este debate entre dois formidáveis pensadores.

Finalmente, a secção «Recensões» abre o apetite para duas obras recentemente publicadas. A primeira destas recensões, escrita por Fernando Cabral Pinto, permite que o leitor vislumbre alguns aspectos dos «contributos para a reabilitação do trabalho pedagógico», através de uma viagem filosófica a propósito do livro de Manuel Matos intitulado *Teorias e Práticas da Formação*. A segunda recensão, cuja autoria é de António Magalhães, espreita criticamente «por debaixo da pedra» numa tentativa de desocultar sucintamente aquilo que é desocultado pelos autores Stephen R. Stoer e Luíza Cortesão no que diz respeito à pedagogia inter/multicultural e as políticas educativas numa época de transnacionalização.

Resta-me esperar que o «cardápio» agora servido seja não só estimulante do prazer de ser saboreado mas seja também sugestão de próximos apetites...

Steve Stoer